

Christ Church

A primeira igreja étnica do Brasil

*Thaddeus Blanchette**

*Their mark on this land is still seen and still laid
The way for a commerce where vast fortunes were made
In the supply of an Empire where the sun never set
Which is now deep in darkness, but the railway's there yet.*

Navigator, The Pogues

*Sua marca nessa terra ainda é clara e presente
Uma rota para o comércio onde se faziam vastas fortunas
No abastecimento dum império onde o sol jamais ia se pôr
Que hoje se encontra mergulhada nas trevas,
mas a ferrovia ainda permanece.*

Nos séculos XVI e XVII, uma divisão foi criada no mundo cristão entre os que apoiaram o Apostolado de São Pedro e os seguidores das novas seitas evangélicas. Espanha e Portugal estabeleceram-se como os campeões de um catolicismo sitiado pelas Igrejas Reformistas. Suas colônias do alémmar eram protegidas da ameaça herética pelo Santo Ofício e por leis que restringiam a imigração e o estabelecimento de protestantes. Por séculos, ser brasileiro, peruano, ou mexicano era sinônimo de ser católico, pelo menos oficialmente.

Todavia, com a decadência dos impérios ibéricos, houve uma crescente pressão para a abertura das colônias sul-americanas. No caso do Brasil, a marca divisória entre o velho sistema colonial e a abertura ao mundo veio em 1807, com a fuga da Família Real Portuguesa para o Rio de Janeiro. Com o decreto de abertura dos portos no ano seguinte, Dom João VI deixou

clara a sua intenção de liberalizar as políticas de imigração para o Brasil, convidando “as Nações estrangeiras a virem engrandecer este continente não só com sua população, mas ainda com seus cabedais e com seus préstimos - e talentos, na agricultura e nas artes - de que devem resultar as mais felizes conseqüências para o crescimento e a prosperidade do Brasil” (Ministério da Justiça, 1960:2).

A nação estrangeira que mais iria se beneficiar com esse decreto era a Grã-Bretanha. No Rio de Janeiro, a presença inglesa tinha sido crescente desde os meados do século XVII quando os ingleses ganharam o direito de comerciar livremente com o Brasil. Com a abertura dos portos brasileiros, uma presença significativa de comerciantes britânicos e suas famílias foi estabelecida em ambos os lados da Baía de Guanabara. Em muitos sentidos, essa aglomeração pode ser considerada como uma das primeiras colônias étnicas de procedência

européia no Brasil. Embora não entendidos - e não se entendendo - como imigrantes, os membros da colônia britânica carioca construíram uma rica vida comunitária na língua inglesa que abrangeu todos os aspectos de existência em *terras brasílicas*, desde o batismo de seus filhos em cerimônias feitas na língua materna, até o enterro dos mortos em seu cemitério em Gamboa. Por dois séculos, essa presença britânica marcou o cotidiano e os costumes do Brasil, fato notado por Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.

Uma das instituições centrais dessa colônia foi a Igreja Anglicana de Christ Church, atualmente localizada na Rua Real Grandeza, 99, no bairro de Botafogo. A história da Christ Church acompanha a expansão e a decadência da colônia britânica em torno da Baía de Guanabara. Sua existência continuou após a diminuição da colônia nos anos pós-Segunda Guerra, pois a igreja se situou como a pedra-

chave da rede de instituições britânicas restantes centradas no Rio de Janeiro e fortaleceu suas ligações com a comunidade étnica de britânico-descendentes ao seu redor. Nesse sentido, a Christ Church é algo muito além de uma simples casa de Deus: ela é a peça unificadora que articula, de forma sincrônica e diacrônica, os diversos ramos de uma presença britânica na cidade e em seus arredores.

UMA BREVE HISTÓRIA DA CHRIST CHURCH

Embora os britânicos tivessem ganho a liberdade de fé nos territórios portugueses em 1654, continuaram proibidos de se reunir com finalidade religiosa até 1810, quando Portugal assinou um tratado de comércio com a Grã-Bretanha, permitindo o estabelecimento de igrejas anglicanas, *“contanto que as sobreditas capelas sejam construídas de tal maneira que exteriormente se assemelhem a casas de habitação e também que o uso de sinos não lhes seja permitido”*. Essa

liberalidade em questões de fé preocupou a igreja romana que queria estabelecer um Santo Ofício em 1819 para vigiar os ingleses no Brasil. Dom João VI resolveu defender o tratado, aparentemente achando que as boas relações com o Império Britânico fossem mais valiosas que a reputação portuguesa como defensora da fé católica. Nessa decisão, o Rei foi apoiado pelo Bispo do Rio de Janeiro, que observava: *“Os ingleses realmente não têm nenhuma religião, mas são um povo orgulhoso e teimoso. Se forem negados em seus desejos, farão desse assunto algo de importância infinita mas, com a permissão concedida, construirão sua capela e ninguém nunca entrará nela”*. As palavras do Bispo provaram ser proféticas, pois a Christ Church, a primeira igreja protestante da América portuguesa, construída na antiga Rua dos Barbonos com uma capacidade para abrigar 500 pessoas, raramente contou com mais de 50 freqüentadores em seus serviços (Christ Church, 1994:2-5; Tarsier, s/d: 122).

Todavia, a igreja situou-se como

símbolo da presença britânica na região. A importância de seu papel pode ser constatada através de sua presença frequente nas reportagens diplomáticas e nos jornais cariocas de língua inglesa da época.

Os anos finais do século XIX marcaram o auge da presença britânica no Rio, em termos de influência econômica e cultural. O envolvimento com o desenvolvimento das redes elétricas e de transporte ferroviário incentivou um aumento no fluxo de técnicos britânicos ao país e o conseqüente crescimento das instituições da colônia. Todavia, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, a influência britânica no Brasil começou a diminuir drasticamente, sendo a Grã-Bretanha forçada a se desfazer de vários de seus interesses econômicos no país. Esse processo foi acelerado com o início da Segunda Guerra. Como salientei em outros trabalhos (Blanchette, 2001: Apêndice A e B), a diminuição dos interesses britânicos foi seguida por uma queda significativa na população inglesa em torno da Baía de Guanabara.

Em 1942, no meio da Segunda Guerra, a colônia britânica começou a construção de um novo e grandioso prédio no atual terreno da igreja, Rua Real Grandeza, 99, no bairro de Botafogo. Essa obra foi paga com as contribuições dos próprios membros da congregação e a Christ Church mudou-se para novo local um ano após. Desde então, a igreja tem prestado serviços do rito anglicano na língua inglesa a um número reduzido de fiéis.

DENTRO DA IGREJA

A igreja anglicana foi uma das primeiras igrejas nacionais da Europa, sendo fundada por Henrique VIII para fortalecer seu poder secular. Sempre foi associada ao Estado britânico e aos

Foto: Tom Loyd



seus projetos para obtenção de prestígio no mundo. A Christ Church, em particular, foi construída durante a pior crise da história do império. Não é de surpreender, então, que a linguagem simbólica da igreja destaca os sacrifícios da colônia na defesa da pátria. O interior da Christ Church não é apenas um espaço sagrado dedicado ao cristianismo: é também um altar ao britanismo.

A cruz de São Jorge e as placas comemorativas

No fundo da nave, oposta ao altar, há uma alcova contendo um enorme escudo de São Jorge feito de mármore e flanqueado por listas dos nomes de membros da colônia que morreram nas guerras mundiais: 36 na Primeira e 46 na Segunda. Acima do escudo estão gravadas as palavras “*Their name liveth evermore*” (“Seus nomes vivem perpetuamente”). Dentro da alcova encontram-se as bandeiras da Grã-Bretanha e da Royal British Legion of Rio de Janeiro (uma associação comemorativa e de veteranos de guerra), ficando uma de cada lado das listas. Dois vitrais situam-se fora e dos lados da alcova, um representando São Jorge, o santo padroeiro da Inglaterra, e o outro São Sebastião, o padroeiro do Rio de Janeiro.

Nas paredes da nave estão penduradas 19 placas comemorativas, feitas de mármore ou bronze. Dessas, cinco homenageiam mortos nas guerras mundiais. A mais tocante das placas é certamente aquela que celebra os três irmãos Moore e que lembra aos visitantes que eles, embora “nascidos e criados no Brasil, fizeram parte da Grande Guerra por sua própria vontade e sacrificaram suas vidas pelo *Home Country* [literalmente, ‘país-lar’].”

A cruz e as placas comemoram os sacrifícios de uma colônia que não se entendeu como separada do país de

origem, apesar de muitos de seus membros serem “nascidos e criados no Brasil”. Do Somme ao Tobruk, membros da colônia britânica carioca participaram das maiores batalhas das guerras e esse serviço é apresentado em Christ Church como um dever e um motivo de orgulho. Vistos em conjunto, a cruz e as placas formam um contraponto secular à simbologia cristã da igreja, fato enfatizado ainda mais pela profusão de bandeiras penduradas na nave.

As bandeiras

De acordo com os membros mais velhos da Congregação, as bandeiras foram penduradas na época da inauguração da nova igreja em 1943 e foram escolhidas para representar as nações aliadas à Grã-Bretanha durante a Segunda Guerra. Todavia, uma análise mais precisa logo mostrará que outros fatores deveriam ter sido considerados na seleção, pois nem todas as nações aliadas ali figuram. A bandeira da França, por exemplo, não se encontra junto às de vários outros países que contribuíram para a vitória aliada. Em lugar de destaque, na frente da nave, encontram-se as bandeiras brasileira e britânica. Descendo pela nave em direção à cruz comemorativa, estão as bandeiras (em pares) americana e canadense; neozelandeza e australiana; sul-africana e maltesa; a da Marinha e da Marinha Mercante Real; norueguesa e a das Nações Unidas; e, finalmente, a da Força Aérea Real e a nigeriana.

Um funcionário da igreja contou-me que as bandeiras da Nigéria e da ONU foram adicionadas anos após a inauguração e acrescentou: “Os *patrons* da igreja incluem os embaixadores dos países membros do *Commonwealth*”. “Geralmente, eles não prestam atenção na gente, mas certa época o embaixador da Nigéria

freqüentava os serviços e arranjou uma bandeira para nós. A da ONU veio depois. Achávamos necessário representar na nave *todos* os países e, como não há espaço para tantas bandeiras, a da ONU serve a essa função.”

Esse mesmo funcionário não sabia explicar bem a inclusão da bandeira da Noruega, a única flâmula nacional, além da brasileira, que não representava um país ou colônia anglófono. Dizia-me que o fato teria a ver com uma presença norueguesa na Congregação em 1943. Vale a pena notar que todas as outras bandeiras presentes (fora a maltesa) representam as principais colônias de assentamento do Império Britânico e o Império em si, que conta com quatro bandeiras, incluídas as dos serviços militares. Além das bandeiras das colônias de exploração – como Jamaica, Índia e Paquistão, todos membros do *Commonwealth* e aliados na Segunda Guerra – as bandeiras das nações componentes da Grã-Bretanha também não são incluídas. Isto em franco contraste com outros lugares onde os britânicos e agregados reúnem-se na cidade (como certos “pubs” por exemplo) que fazem questão de exibir as bandeiras da Irlanda, Escócia e Inglaterra. Em outras palavras, a simbologia da nave da Christ Church subscreve-se a um ideal do Império como uma unidade hegemônica, acima das diferenças étnicas contidas em suas fronteiras. Isto está longe de ser o ideal compartilhado por muitos dos britânicos atualmente residentes no Rio.

O conjunto de elementos na nave combina-se para reforçar a sensação de um espaço simultaneamente sagrado e étnico. Durante o culto, a Congregação posiciona-se voltada para as bandeiras brasileira e britânica, ouvindo a missa em inglês e tendo às suas costas a cruz de São Jorge, enaltecendo o serviço à



Foto: Tom Loyd

Grã-Bretanha. Além disso, os participantes do culto encontram-se rodeados por lembranças dos antepassados e pela representação dos seus sacrifícios ao *Home Country*. Acima de suas cabeças, as flâmulas dos países amigos (concebidos, principalmente, como os “descendentes” anglófonos de assentamento britânico) brilham no sol da manhã que se infiltra através dos vitrais, a maior parte deles dedicada a ilustres membros da colônia britânica da cidade. Diante desse quadro, não há como não sentir que participar de uma missa na Christ Church é participar de um rito que é, sobretudo, *britânico*.

A pintura no batistério

Se o tema dominante da simbologia da nave é o *britanismo*, a localização da igreja no Rio de Janeiro é

certamente uma presença simbólica de importância quase igual, algo que distingue a Christ Church de seus pares no *Home Land*. Como mencionamos acima, a alcova comemorativa é flanqueada por vitrais representando o padroeiro da Inglaterra e o da cidade. A bandeira britânica tem como contraponto, em lugar de destaque, ao lado do altar, a bandeira brasileira; as preces visando à saúde e à sabedoria da Rainha Elizabeth são acompanhadas por outras simila-

res - para o Presidente Luís Ignácio “Lula” da Silva. Mas o lugar onde se encontra a manifestação mais interessante, objetivando uma aproximação de ideais entendidos como brasileiros, é no batistério - uma pequena sala ao lado direito da nave. Na parede, existe uma pintura de um Jesus louro, rodeado por três querubins (dois brancos e louros e um negro). Jesus apresenta-se a um grupo multiétnico de crianças, que inclui um par de índios brasileiros, dois mulatos e dois negros.

A pintura foi feita em algum momento da década de 1970 e demonstra, sem dúvida alguma, uma certa mistura de ingenuidade e arrogância que só pode ser classificada precisamente em inglês: é *patronizing* ao extremo. Essa a classificação, aliás, que foi aplicada à pintura por um dos atuais sacerdotes da igreja, que me

dizia querer reformá-la “com uma balde de tinta jogado por cima”. Todavia, sua inclusão na nave, justamente em frente à fonte batismal, demonstra uma tentativa de representar um dos temas mais antigos e constantes da interação brasileira e inglesa: o da mistura racial.

Em primeiro lugar, é interessante notar que a pintura inclui mulatos e negros, uma diferenciação de olhar que dificilmente seria encontrada na Inglaterra na época em que ela foi pintada. Em segundo lugar, a localização da pintura, acima da fonte batismal, associa crianças, raça e miscigenação justamente no lugar de batismo, onde a congregação ritualmente incorpora sua prole à comunidade religiosa. Muitos dos britânicos do Rio casam com brasileiros nativos e geram crianças que, nas palavras de Gilberto Freyre, “nem sempre [são] rigorosamente arianas” (Freyre, 1948:77). Diante dessa situação, a pintura parece sugerir que todos são iguais aos olhos do Senhor seja qual for a ancestralidade. São todos incorporáveis ao Reino do Céu e - em associação com a simbologia do resto da nave - ao Estado britânico. Nesse sentido, um componente ideológico caro ao nacionalismo brasileiro - o da mistura das raças - é incluído na reprodução ritualista da comunidade étnica e religiosa que compõe a Congregação da Christ Church.

A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DA CHRIST CHURCH

No período seguinte à Segunda Guerra até hoje, a Christ Church tem mantido sua especificidade como igreja anglófona enquanto semelhantes instituições em São Paulo e Salvador fecharam suas portas ou foram absorvidas pela Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Christ Church,

porém, continua independente da igreja brasileira, embora ligada a ela, sendo o último baluarte da extensa rede de igrejas inglesas no Brasil. Sua independência relativa é fruto de uma decisão tomada na década de 1970, a de “terceirizar” o controle da propriedade da igreja e de suas dependências. De acordo com vários dos membros da Congregação, temia-se (e ainda teme-se) que a igreja brasileira possa vir a tomar conta da Christ Church, absorvendo-a e transformando-a na catedral anglicana do Rio de Janeiro. Como uma mulher me falou, “Estamos numa situação meio isolada e delicada aqui. Queremos manter a igreja como um espaço onde a missa é recitada em inglês, mas temos que ficar sempre de olho na igreja brasileira.”

Desejosos de manter sua especificidade lingüística e étnica, os membros da igreja decidiram passar o título de propriedade ao “British and Commonwealth Society do Rio de Janeiro” (o BCS), uma associação político-cultural britânica, reservando à igreja o direito de vetar todas as decisões sobre o uso das dependências. Hoje, a igreja continua sendo uma casa sagrada, mas também é a sede de várias atividades seculares, cuja única característica unificadora é a presença de anglofalantes e – particularmente – britânicos. Como um dos funcionários da igreja explicou-me, “Quem reúne toda a gama de atividades e grupos que abrigamos aqui são os ingleses. Se você olhar bem, sempre tem um inglês na área”.

Qualquer análise da Christ Church como instituição étnico-religiosa, então, há de levar em consideração a administração da propriedade da igreja, que abrange o templo, suas dependências, a casa do capelão e o prédio que abriga uma unidade da British School of Rio de Janeiro. Vale a pena distinguir entre “Christ

Church”, definida como uma congregação anglofalante e largamente britânica, e “Christ Church”, a igreja e suas dependências em termos físicos. São várias as organizações que utilizam estas últimas, sem nenhuma ligação direta com a igreja entendida no primeiro sentido. Esses grupos são divisíveis em três categorias: os principais usuários da propriedade, que podemos entender como “donos”, no sentido de que são eles que determinam como as dependências devem ser usadas; as pequenas associações de cunho étnico ligadas à noção de “britanismo” ou à anglofonia; e outras congregações religiosas que utilizam o espaço para seus cultos.

Os grupos religiosos

Além da Congregação da Christ Church, três associações religiosas utilizam a igreja e suas dependências. A primeira é a paróquia anglicana brasileira de São Lucas. Sua inserção na propriedade é fruto das alianças que os britânicos mantêm com seus correligionários do anglicanismo nativo e as missas de São Lucas são celebradas aos domingos de manhã, em português, uma hora antes da missa em inglês. As duas igrejas são separadas, embora uma minoria significativa de cada uma das congregações assista a ambas as missas. Ainda que a Christ Church seja tecnicamente independente, via de regra segue a orientação do Bispo anglicano do Rio. Dois pequenos grupos evangélicos independentes também utilizam as dependências da igreja para as suas reuniões, ambos contando com a presença de britânicos e outros anglófonos em suas fileiras.

As associações étnicas e lingüísticas

As dependências da Christ Church

contêm os escritórios de várias associações que se organizam em prol do “britanismo” (largamente entendido, segundo a definição do BCS, como a apresentação de uma visão positiva da Grã-Bretanha e de suas ex-colônias para a população brasileira). Além da própria BCS, essas organizações incluem The Freemason’s Lodge (uma associação maçônica anglofalante), The Players (um grupo de teatro que produz espetáculos em inglês) e The Society of Choral Music (um coro que canta hinos em inglês), entre outros. A maioria desses grupos é seguidora ou do BCS, ou da congregação britânica; dificilmente existiriam sem a base fixa providenciada pela igreja.

Os “donos”

Os três principais usuários da propriedade são a Congregação da Christ Church, The British and Commonwealth Society e The British School. O BCS é uma associação que promove eventos culturais em prol do britanismo na cidade. É tanto étnica quanto imperial: fornece um palco para que os descendentes brasileiros de britânicos possam desfilar sua herança étnica; trabalha para fortalecer o prestígio da Grã-Bretanha no Brasil; e apóia os representantes do capital britânico no país. O título da propriedade de Christ Church está em nome do BCS desde a década de 1970 e a sua administração é, tecnicamente, obrigação da Society. Todavia, a igreja britânica continua a realizar a administração cotidiana das propriedades e pode vetar quaisquer decisões tomadas pelo BCS.

The British School chegou à Real Grandeza na década de 1950 e hoje é o grupo que mais utiliza a propriedade. Trata-se de uma escola onde as aulas são em inglês e o currículo segue padrões britânicos, embora a maioria

dos alunos é brasileira das classes médias e altas. A escola é a organização do complexo que mais gera dinheiro e o aluguel que ela paga é um componente importante da verba que sustenta as propriedades. Portanto, embora não tenha nenhuma voz oficial na administração do complexo, tanto a igreja britânica quanto o BCS prestam bastante atenção em atender às suas necessidades e reivindicações.

Juntos, os dirigentes desses três grupos formam um conselho informal que determina como a propriedade será utilizada. Existe um certo atrito entre os três, face às suas diferentes necessidades. Por exemplo, The British School deve preocupar-se com a segurança física de seus alunos e prefere que os portões da propriedade permaneçam fechados. A igreja britânica, porém, precisa que estes fiquem abertos para cumprir seu dever como local público e sagrado. Embora tecnicamente mais elevados na hierarquia da propriedade que The British School, a igreja e o BCS não podem ignorar as demandas de seu melhor inquilino. A questão dos portões custará, então, a ser resolvida.

CHRIST CHURCH E A “COMUNIDADE BRITÂNICA”

Os donos da Christ Church oficialmente concebem a igreja e suas dependências como um espaço a serviço da “comunidade britânica”. A anglofonia e a presença de estrangeiros anglófonos são, sem dúvida, marcas distintivas do local. Todavia, muitas pessoas utilizam o espaço e a maioria dessas não é de cidadãos britânicos. Vale a pena, então, indagar quem, exatamente, compõe a “comunidade” que a Christ Church pretende servir. Podemos, para isso, fazer uma divisão em quatro “círculos”, cada um mais restrito que o último.

Freqüentadores

A comunidade, definida em sua forma mais ampla, incluiria todos os que utilizam ou trabalham no espaço determinado pela igreja e suas dependências. A maioria desses é composta de cidadãos brasileiros, cuja primeira (e muitas vezes única) língua é o português. Essa é a comunidade da qual fala a publicação oficial semanal da igreja. De forma ampla, diríamos que esse grupo pode ser dividido em três segmentos: a British School, a The British and Commonwealth Society e a igreja propriamente dita (definida como as congregações-irmãs da Christ Church e de São Lucas).

Anglófonos

O segundo círculo, mais restrito, seria composto dos anglófonos que utilizam os serviços providenciados pelos grupos na propriedade. A anglofonia marca a especificidade do espaço e inglês é o idioma mais falado nos arredores da propriedade. Só a paróquia de São Lucas e as seitas evangélicas funcionam exclusivamente em português, mas essas sempre contam com a presença de anglofalantes. Vale a pena salientar, porém, que a maioria dos anglófonos encontrados na propriedade *não são* britânicos ou cidadãos do *Commonwealth*: são americanos, europeus de várias procedências e uma maioria brasileira que é, em muitos casos, constituída de pessoas casadas com ou descendentes de britânicos. A definição anglófona de “comunidade” parece ser popular entre os sacerdotes da igreja, um dos quais me disse que trabalhava no lugar “para ensinar a sabedoria da bíblia para quem fala inglês. Não sou, nem devo e nem quero ser um representante da coroa britânica”.

Britânicos

Outras pessoas, particularmente os membros do BCS, salientam que “a comunidade” é composta “daquelas pessoas no Rio que são ‘da Coroa’: os súditos de Sua Majestade, a Rainha Elizabeth, britânicos ou membros do *Commonwealth*”. À primeira vista, esta seria a comunidade mais estritamente definida: mais nacional e colonial do que propriamente étnica. Seus membros, todavia, não são escolhidos somente tomando-se por base a cidadania, mas também pelas atribuições políticas e culturais. Os descendentes das famílias britânicas mais tradicionais do Rio de Janeiro estão claramente situados como membros dessa comunidade, mesmo sendo cidadãos brasileiros de terceira ou quarta gerações, desde que possam manipular a língua e categorias culturais entendidas como britânicas. A maioria dos alunos da British School, dos funcionários da igreja e boa parte da Congregação “britânica” não são “da comunidade”, se esta for definida nesses termos.

Expatriados Ingleses

Uma quarta definição da “comunidade” da Christ Church vem principalmente de fora, embora tenha sido também confirmada por vários membros da congregação britânica. Como registrei em outros trabalhos (Blanchette, 2001), a grande divisão entre os “gringos” anglófonos no Rio parece situar-se entre os que trabalham para poder morar na cidade (“*locals*”) e os que moram na cidade em função do trabalho (“*expatriates*”). Os “*expats*” tendem a ser evitados pelos “*locals*” e vice-versa. Nesse jogo, a Christ Church é largamente entendida como um espaço “*expat*”, sendo poucos os “*locals*” que a freqüentam.

Vários “*locals*” também acusam a

Christ Church de ser “inglesa”. Nas palavras de um de meus informantes irlandeses e britânicos, “O que é um ‘britânico’, afinal? Te digo: um inglês imperialista. É só agora, com a queda do império, que ouvimos gente se declarando ‘inglês’. ‘Inglês’ uma ova! Sempre se chamaram de ‘britânicos’, até que tiveram o tapete puxado debaixo de seus pés. Aqueles caras lá da Christ Church são bons camaradas. Mas política e culturalmente falando, não são nada além de uma banda de ingleses velhos e saudosos dos tempos em que dominaram o mundo. O que que eu tenho a ver com eles?”

CONCLUSÃO: UM ALTAR AO IMPÉRIO PERDIDO?

Embora duras, essas palavras tocam na contradição principal personificada pela Christ Church. A igreja foi fundada a serviço de um império global que hoje se transformou em um pequeno segmento multiétnico da Comunidade Européia. Os fundadores da Christ Church pretendiam construir um monumento ao britanismo que sobreviveria ao decorrer dos séculos. Com a queda do império, a lógica desse símbolo foi enfraquecida e a comunidade à qual ele servia diminuiu. Hoje, vários lugares antes associados aos britânicos no Rio jazem esquecidos. O que possibilitou a continuação da Christ Church, onde tantas outras instituições – e outras igrejas anglicanas brasileiras de rito inglês – falharam?

Uma explicação talvez possa ser encontrada na ligação entre o sagrado e o nacional que a igreja simboliza, manifesta no sacrifício da construção do novo templo com o dinheiro das bolsas da própria Congregação no momento mais escuro da história britânica. Como vimos acima, a ligação entre pátria, memória e guerra manifesta-se de um jeito singular no

espaço mais sagrado da igreja e a memória dos dias desesperados da Segunda Guerra ainda continua muito viva entre a Congregação. Vale a pena notar que a última placa comemorativa pendurada na nave, em 2001, salienta o serviço de uma mulher que lutava como guerrilheira durante a Guerra. Portanto, de todas as igrejas anglicanas no Brasil, esta é a que tem a carga simbólica e histórica mais rica e vivamente preservada.

Um outro fator explicativo certamente é o fato de que a Christ Church foi, de todas as instituições sociais britânicas no Rio, a mais totalizadora, englobando em seus ritos as fases de vida e as transformações sociais mais importantes: nascimento, morte, casamento, etc. Assim, a igreja está intimamente ligada a uma carga emocional que se estende além de seu apelo nacional e que, de fato, a transforma. Através de seu papel na reprodução da vida familiar, a igreja torna-se um símbolo de “nós, os descendentes dos britânicos do Rio de Janeiro”, transformando-se em um espaço propriamente étnico (entendido como simultaneamente brasileiro e não brasileiro), e não um simples entreposto imperial.

Sejam quais forem as razões para a reprodução da Christ Church como um espaço simultaneamente étnico e sagrado, essa envolveu uma reformulação de sua missão. De símbolo nacional e imperial, a igreja transformou-se em um marcador étnico local. Quando a Grã-Bretanha quis abrir mão da responsabilidade de manter a igreja, os britânicos locais e os seus descendentes a assumiram. Nas palavras de um membro da congregação (brasileira e descendente de uma das famílias britânicas mais antigas do Rio): “Só queremos o direito de venerar Deus na língua inglesa, mantendo a fé como nossos antepassados, que construíram essa

igreja para esse fim”. Hoje, a Christ Church ainda cumpre essa função, mas sua existência contínua não está baseada nas necessidades do punhado de expatriados itinerantes que ainda utiliza seus serviços e sim nas de comunidades mais amplas, não estritamente britânicas, para as quais salientar “britanismo” como marcador étnico e político é interessante. Vemos isto, de forma mais concreta, nos alunos brasileiros da British School, cujas mensalidades tornam possível a manutenção da propriedade. Nesse sentido, a Christ Church assemelha-se às velhas ferrovias inglesas, descritas pela banda irlandesa “The Pogues”, na música com a qual começamos este artigo. A igreja foi construída a serviço de um império “onde o sol jamais ia se por” e que hoje está confinado às trevas. Todavia, a igreja ainda continua no lugar e, permanecendo, serve a outras finalidades, similares, mas diferentes daquelas que objetivaram a sua construção.

* *Thaddeus Blanchette é Doutorando em Antropologia Social / Museu Nacional-UFRJ.*

BIBLIOGRAFIA

- BLANCHETTE, Thaddeus
(2001) *Gringos*. Dissertação de mestrado, PPGAS/MN/UFRJ
- CHRIST CHURCH
(1994) *A Short History of Christ Church*. Rio de Janeiro.
- FREYRE, Gilberto
(1948) *Ingleses no Brasil*. RJ: Livraria José Olympio Editora.
- MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
(1960) *Registro de Estrangeiros 1808-1822*. RJ: Arquivo Nacional.
- SOUZA CRUZ COMPANY
(1987) *A Presença Britânica no Brasil: 1808-1914*. Rio de Janeiro: Editora Pau Brasil.
- TARSIER, Pedro
(s/d) *A História das Perseguições Religiosas no Brasil*. São Paulo: Cultura Moderna.